

Entrevista

Para onde caminha a profissão de médico?

Formado há 15 anos pela Faculdade de Medicina da USP, especialista em cirurgia geral avançada pelo Hospital das Clínicas; em cirurgia do aparelho digestivo pelo CBCD; e em gestão na área da saúde pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), o dr. Dário Vianna Birolini lançou este ano o livro *“A estratégia da lagartixa – Uma viagem pelos bastidores da medicina”*, em que relata as experiências vividas por ele desde os primeiros tempos da faculdade até a maturidade profissional, pontuando sobre o que é ser médico hoje e o futuro da medicina.

Em entrevista para a UNIDAS-SP, dr. Dário conta a sua percepção da realidade do dia a dia do profissional de medicina, faz críticas à busca pela especialização quando coloca a tecnologia a frente da relação médico-paciente e constata: “Estamos deixando de formar médicos de família que resolveriam 80% dos problemas, para formar 80% de médicos que resolvem apenas 1% dos problemas. Os médicos parecem ter cada vez mais dificuldade em enxergar os seus pacientes como um todo, o que pode ser muito complicado”.

Por que escolheu a medicina como profissão?

Escolher a sua profissão com 17 anos de idade não é assim tão fácil. Para começar, eu desconhecia a maioria das profissões. Entre direito, engenharia e medicina, a última alternativa me parecia a mais excitante, misteriosa e até glamorosa. Prato cheio para um adolescente.

Como nasceu a ideia do livro?

Eu percebi que algumas pessoas acreditavam que os médicos nunca erram. Incomodado com essa percepção equivocada, eu comecei a refletir sobre os seus "por quês". É muito conveniente enxergar o médico como um ser sobre-humano e infalível. Mas permitir a perpetuação de tal imagem, que já vem desde a antiguidade, acaba sendo bom apenas para o ego das mães dos médicos. Para os pacientes, trata-se de propaganda lesiva, pois é enganosa. Assim, eu comecei a escrever com o objetivo de desmistificar a formação e o dia a dia dos doutores, e torná-los mais humanos. Para tanto, vali-me de histórias que certamente surpreenderão o leitor.

Para o dr., o que é ser médico hoje?

Não é nada fácil ser médico na atualidade. A maioria deles trabalha mais de 72 horas semanais, com um salário proporcionalmente menor do que o de uma secretária bilíngue (nada contra, apenas uma constatação). Vive em ambientes altamente competitivos e insalubres. Não tem tempo para se atualizar, mas precisa dominar uma tecnologia que muda constantemente, e competir com o "Dr. Google". Tem uma responsabilidade enorme. Vive sob a pressão de sempre acertar, mas pratica uma ciência inexata. E o mais estranho: reclama, reclama, mas adora o que faz.

Como o dr. vê a formação médica atual com o profissional de décadas atrás - o conhecido médico de família?

Há pouco tempo, um programa de TV mostrou a reação de algumas crianças ao se depararem com uma vitrola e um telefone analógico. Eles não faziam a menor ideia do que seriam aqueles estranhos objetos! É curioso imaginar que, há apenas três décadas, praticamente não existiam a ultrassonografia ou a endoscopia terapêutica. A tecnologia disponível e o conhecimento médico multiplicaram-se neste período. Com estes avanços, surgiu uma tendência a fatiar os seres humanos em órgãos e especialidades, ou até em moléculas e superespecialidades. Porém, 80% das doenças continuam sendo facilmente diagnosticáveis e de simples tratamento. Estamos deixando de formar médicos de família que resolveriam 80% dos problemas, para formar 80% de médicos que resolvem apenas 1% dos problemas. Os médicos parecem ter cada vez mais dificuldade em enxergar os seus pacientes como um todo, o que pode ser muito complicado.

Qual a importância da relação médico-paciente?

Salvo em algumas poucas especialidades, como a dos legistas, vejo o relacionamento médico-paciente como sendo o componente central da nossa profissão. Como a maioria dos diagnósticos ainda é obtida com a anamnese e muitos tratamentos ainda são guiados pela evolução clínica, o bom relacionamento se impõe. Algumas vezes vemos casos de pacientes que foram curados, mas detestaram o seu médico, ou de cirurgias que não alcançaram o seu objetivo, e o paciente idolatra o seu cirurgião. Vemos tratamentos inócuos alcançando bons resultados, apenas devido à confiança dos pacientes nos seus terapeutas. Mas parece que os médicos ainda não se deram conta de que vendem, na verdade, o relacionamento com os seus pacientes. Esse é o nosso produto, cujos frutos levarão a algum resultado terapêutico, tangível ou intangível. Infelizmente, alguns médicos, ofuscados pela sua ciência, tratam apenas das doenças e se esquecem da arte de cuidar das pessoas. E os pacientes, empolgados com novas tecnologias e pressionados pelo estresse da vida moderna, também acabam subestimando o valor desse relacionamento.

Como o dr. vê o apelo feito aos profissionais de medicina pelos laboratórios, o que tem crescido ultimamente?

A indústria farmacêutica possui áreas com grandes destaques, que trouxeram benefícios tanto aos médicos quanto aos seus pacientes. Por outro lado, é um ramo da indústria, como outro qualquer. Visa o lucro e é controlado por seres humanos pressionados por todos os lados em um mercado altamente competitivo. Nesse cenário, às vezes, a ética pode ser suplantada por interesses econômicos. Quem nunca ouviu falar de um médico que ganha mais dinheiro com os parafusos que utiliza em uma cirurgia do que com o procedimento propriamente dito? Eu acho isso complicado. Assim, vejo com bons olhos os esforços do CFM, no sentido de buscar um caminho para que esta relação se torne proveitosa para todos os lados e o mais correta possível.

Qual é o futuro da medicina no Brasil?

Quando falamos em futuro, me lembro do dr. McCoy, o médico da série Jornada nas Estrelas. Como ele era o único médico da nave, só poderia ser um generalista. Ele analisava os pacientes com uma maquininha portátil que lembrava um celular, mas que funcionava como se fosse uma mistura de laboratório de análises clínicas e tomografia portátil ao mesmo tempo. Apesar disso, curiosamente, a frase que mais dizia no seriado inteiro era: não estou compreendendo...

Infelizmente, essa última frase é a única que guarda semelhanças com o nosso futuro. Há cada vez mais faculdades de medicina que beiram a mediocridade. Não há vagas de residência médica para metade dos recém formados. Os generalistas são extremamente desvalorizados, assim como a medicina preventiva. Novos recursos diagnósticos e terapêuticos aumentam os gastos com saúde, e a população tende a envelhecer.

Em outras palavras, teremos cada vez mais idosos com doenças crônicas sendo atendidos por médicos com baixo poder de resolução. Isso implica na utilização de mais recursos para chegar aos diagnósticos e de vários especialistas para tratar de corriqueiros problemas, em um mundo com recursos cada vez mais limitados. Mas não se matem. Precisamos nos re-inventar. O livro é uma das tentativas de evidenciarmos esses problemas para que busquemos as suas soluções.